Foto: GONÇALVES
mocidade
portuguesa
feminina

SUMÁRIO

★

Obra das Mães pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, T. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL

Assinatura ao ano .... 12$00
Preço avulso .... 1$00

N.º 71

Foto: F. NEUMANN

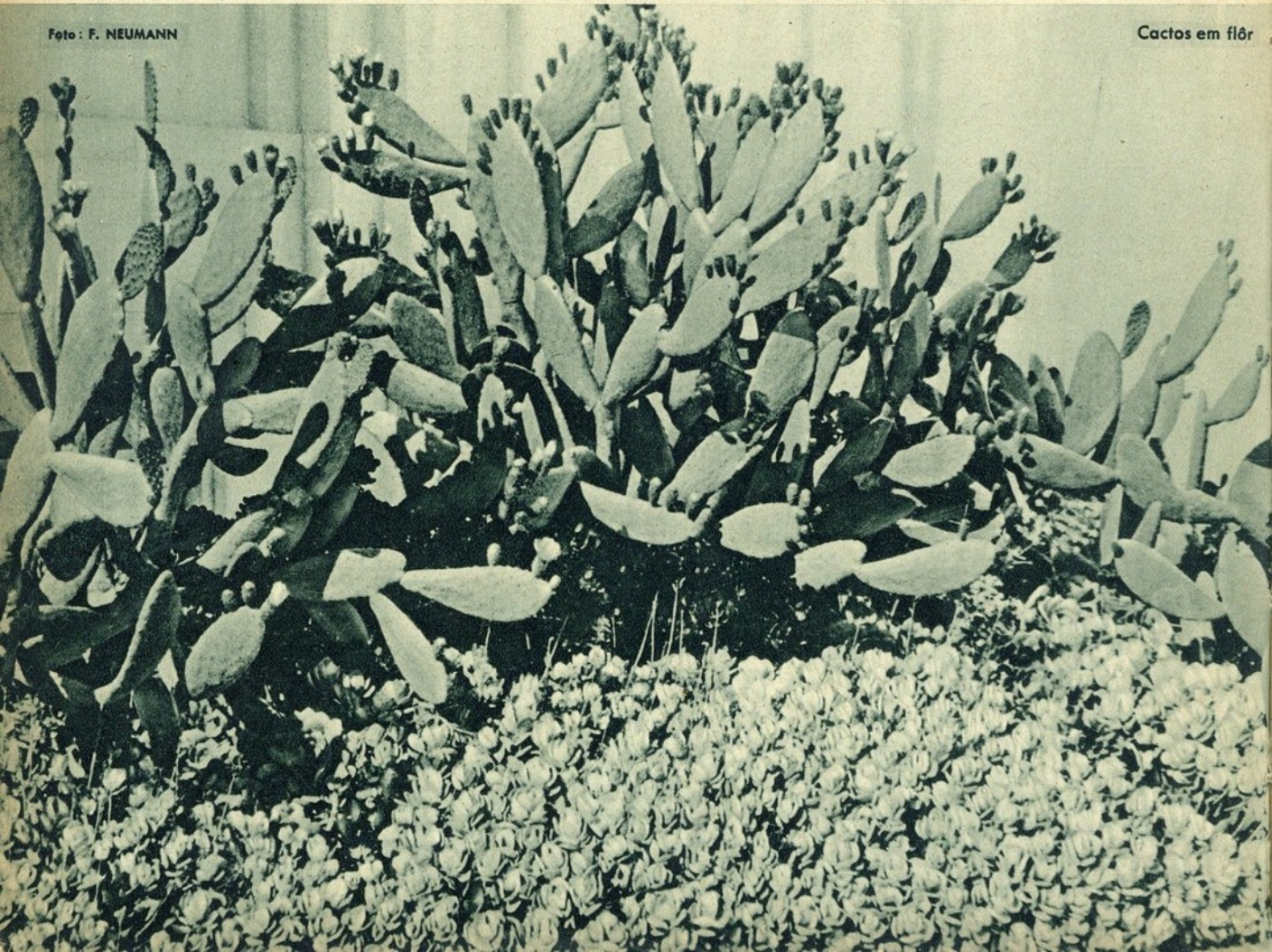
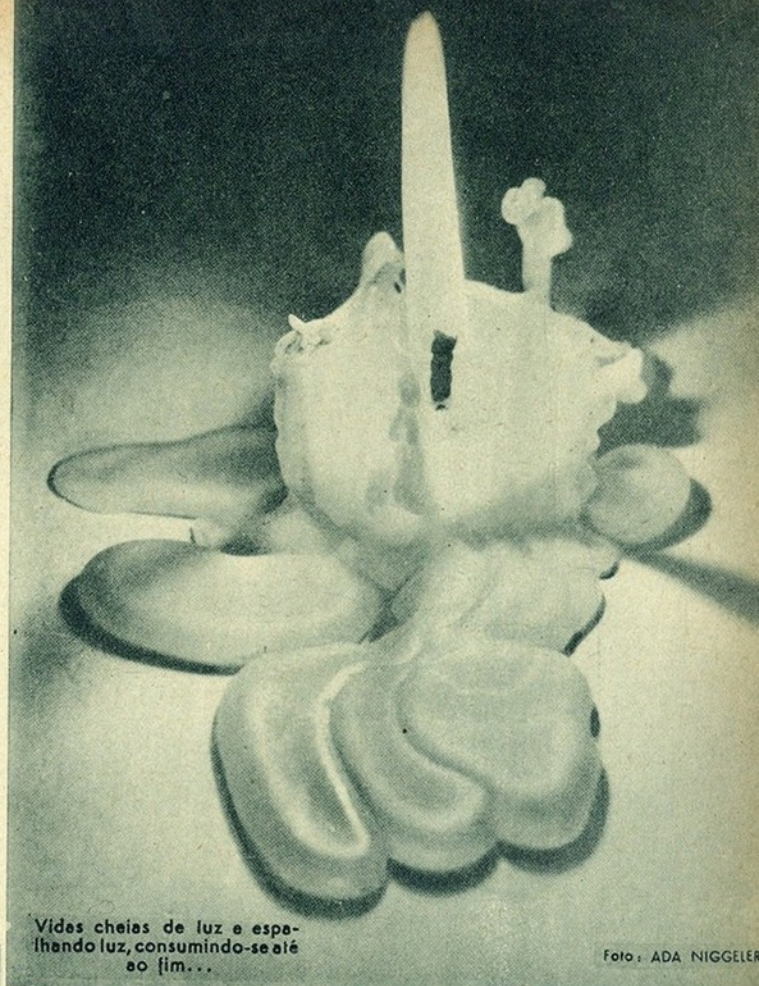
Cactos em flôr

VIDAS RENDOSAS

Vidas cheias de luz e espalhando luz, consumindo-se até ao fim...

Foto: ADA NIGGELER

FALEI-VOS da última vez de *vidas falidas*. Recordais?

O contrário de vidas falidas, são as **vidas rendosas:** existências que deixam atrás de si obras de vida, dessas acções com que o mundo se enriquece e de que todos beneficiamos mesmo sem dar por isso. Quem as não conhece essas vidas cheias, chéias de luz — cheias de bem e espalhando o bem?

Quem não conhece os Pasteurs, os Curies, os Salazares — e essas mães cuidadosas, honradas, com uma coroa de filhos à sua volta, a ganhar-lhes o pão para a bôca — e êsses humildes operários agarrados ao seu ofício, sacrificando-lhes a saúde, às vezes a própria vida?

E essas vidas que só pensam nos outros, renunciadas a si mesmas totalmente, espalhadas por aí pelos hospitais e pelos asilos, pelas leprosarias e pelas terras de missão, ensinando o nome de Deus e da Pátria, amparando, curando, dando-se?

Escrevi uma palavra sem querer: **dando-se.** Cá está a condição e a certeza de uma vida cheia, quero dizer, de uma vida com rendimento: a **doação,** o **amor.**

Compara agora aqui a tua vida tão... *egoista* (volta a lêr: egoista) com essas vidas doadas, sacrificadas.

O egoismo está no polo oposto do amor.

O egoismo é o contrário do amor e do sacrifício.

Vidas egoistas são vidas falidas. Vidas cheias são as de todos os que se dão e se sacrificam.

Um pequenino exemplo, por hoje. És estudante? Quantos se não sacrificam para que possas fazer o teu curso — quantos suores e quantas dôres não custarão os teus anos de liceu e, amanhã, os dos estudos superiores?...

E tu? Rendes já hoje tudo o que podes render? E já pensaste nas tuas responsabilidades para o dia de amanhã?

Bossuet disse que "*a ciência é um bem comun, quem a possui deve-a aos outros.*" Tu tens obrigação de a possuir, porque estudas, porque gastas tempo e dinheiro e preocupações. Tudo isto tem de render hoje e amanhã.

"*Ninguém tem o direito de deixar o seu talento improdutivo. Deus colocou-o num homem, mas deu-o à humanidade*", escreveu também um jovem professor universitário francês.

Tu estás a render? Tens essa preocupação?

Não te fazem raiva os preguiçosos, os egoistas, os parasitas da sociedade, os ociosos e os comilões?

G. A.

NOTÍCIAS DA M.P.F.

Braga, Centro 2 — Filiadas do Colégio Dublin

BRAGA

Realizando o pensamento do Comissariado Nacional, as filiadas da M. P. F. da Divisão do Minho, Ala 2, Braga, começaram as suas «Embaixadas da Alegria e da Bondade» pela «Creche Novais e Sousa».

Festa de crianças para crianças, de tal maneira se irmanaram umas e outras. Foram momentos de alegria intensa entre filiadas e criancinhas, em que aquelas distribuiram a estas brinquedos e guloseimas oferecidas pelos vários Centros, e roupas confeccionadas pelo Centro n.º 2, Colégio Dublin, e pela Dig.ma Delegada Provincial, Ex.ma Sr.ª D. Maria da Cunha Matos, em cuja alma encontra sempre eco a dor dos pobres, dos infelizes e, de uma maneira muito especial, das criancinhas.

Era comovente ver como as nossas raparigas disputavam, entre si, essas criancinhas que, embora no alvorocer da vida, já forneciam assunto para um bem complicado romance...

Não é, no entanto, momento para pensarem nisso, e com os brinquedos bem apertados ao peito, as crianças prendem tôda a sua atenção num palcozinho improvisado, onde tantas coisas lindas se desenrolaram!...

Não faltam comédias que fazem rir tôda a assembléia, bailados que encantam os olhos, canções de embalar, recitativos, etc., etc.

Contribuiram para esta festazinha, tão encantadora, as filiadas do Centro n.º 3, Colégio de N.ª S.ª da Tôrre, apresentando duas comédias, «Os velhos», e «O nato», uma canção, «Olaré», e poesias bem adequadas ao momento, «Deixai vir a mim as criancinhas». O Centro n.º 2, Colégio Dublin, com uma cena lirica, «As sogras», e uma poesia.

O Centro n.º 9, Colégio Teresiano, com uma dança e poesias. O Centro n.º 4, Escola Industrial e Comercial «Bartolomeu dos Mártires», com várias canções de embalar.

Passaram rápidos êsses momentos de verdadeiro gôzo espiritual, sentido por tôdas as pessoas que tiveram a felicidade de assistir a tão encantadora festa.

Via-se entre a assistência, que era numerosa, a Ex.ma Sr.ª D. Maria da Cunha Matos, Dig.ma Delegada Provincial, e mais dirigentes da M. P. F., Directoras dos Colégios, Directores da Casa, e demais pessoas que quiseram contribuir, com a sua presença, para dar maior brilho a desta «Embaixada».

Ao terminar, o Rv.º Sr. P.e António Vaz, Dig.mo Presidente da Creche, dirigiu palavras de agradecimento a tôdas as filiadas pela esmola, tanto material como espiritual, que levaram a esta Casa, incitando-as a que continuem, pela vida fora, protegendo essas criancinhas que tanto carecem de auxílio e de carinho.

Braga — Filiadas do Colégio de N.ª S.ª da Tôrre

À saida uma filiada de cada Centro depositou nas suas mãos um envelope fechado, com dinheiro, fruto da sua generosidade.

Desta maneira se prova que as nossas raparigas souberam bem compreender e pôr em prática a tão atraente idéia de quem atribuiu à Mocidade as «Embaixadas da Alegria e da Bondade», pois ninguém, como elas, sabe transmitir a alegria, própria de corações juvenis e a bondade que lhes transborda da alma.

FIGUEIRA DA FOZ

Organizado pelo Centro Escolar n.º 3 da M. P. F., que funciona na Figueira da Foz, no Colégio Academia Figueirense, em cujo teatrinho se realizou, teve lugar, na véspera do Dia de Natal, um espectáculo dedicado aos velhinhos e crianças dos Asilos, doentes do Hospital da Santa Casa da Misericórdia e alunos dos patronatos da cidade.

A primeira parte foi preenchida com recitativos, canções e danças, além de dois entreactos — *Maria das Festas* e *Oração ao Menino Jesus* — executados pelas pequeninas alunas da Escola Moderna, de que é distinta Directora a Prof.ª Snr.ª D. Maria Correia.

O desembaraço, a harmonia do conjunto e o encanto que se desprendia do grupo infantil em cena, despertaram o interêsse do público, que a todos aplaudiu com entusiasmo.

Seguiu-se a representação da peça *Nem 8... nem 80*, trabalho premiado com o 1.º prémio nos Jogos Florais da M. P. F. e de que é autora a jovem filiada Celeste Morgado, do Liceu Pedro Nunes, de Lisboa.

Os papéis foram distribuidos pelas filiadas Rosa Maria dos Santos Alves, Maria Manuela de Melo Costa, Maria Luisa Cordeiro Mesquita, Maria de Lourdes Serra, Maria de Lourdes Pelicano, Odette Maria Regina Ramos Trindade, Maria América Fernandes Tomaz Pereira Assunção e Maria do Rosário de S. Pedro Simões, tôdas do mesmo Centro n.º 3.

Numerosas palmas premiaram o trabalho das intérpretes e também o da sua ensaiadora, a Snr.ª D. Ana Maria Mendes, que obsequiosamente a isso se prestou, conseguindo, afinal, num curto periodo apresentar as alunas por forma a tornar bem merecidas aquelas palmas da assistência.

O interessante espectáculo terminou com um acto de variedades em que colaboraram as mesmas filiadas e ainda a filiada Ana Maria Bagão da Silva Biscaia, do 7.º ano de Letras, que tomou a seu cargo — e muito bem — os ensaios da parte musical.

Felicitamos as jovens estudantes que não se pouparam a canseiras para recreio daqueles a quem a récita se dedicava e que, assim, tiveram uma véspera feliz do Dia de Natal, em contacto com a alegria esfusiante e sádia da mocidade escolar do referido Centro.

A Directora do Centro n.º 3

Alice Paour de Mello

Nomeações de Dirigentes da M. P. F.

1.º — Foi nomeada Delegada Provincial da Mocidade Portuguesa Feminina no Douro Litoral, a Sr.ª D. Maria Augusta Vasconcelos Gonçalves Azevedo;

2.º — Foi nomeada Sub-Delegada Regional no Pôrto, a Sr.ª D. Maria Romeira de Sá Ferreira;

3.º — Foi nomeada Sub-Delegada em Santarém, a Srª D. Maria Pires Pombo de Almeida Ferro;

4.º — Foi nomeada Sub-Delegada Regional em Tavira, a Sr.ª D. Maria Teresa Pessoa Pádua Cruz;

5.º — Foi demitida, a seu pedido, do cargo de Sub-Delegada Regional em Vila Viçosa, a Sr.ª D. Maria da Conceição Duarte Geral;

6.º — Foi demitida do seu cargo, Directora Adjunta do Centro n.º 68, em Lisboa, a Graduada Maria Beatriz da Cunha Pato.

★

Donativos para «A nossa casa» concedidos pela Delegacia da Estremadura, Sub-Delegacias e Centros

A lista dos donativos publicada no Boletim de Fevereiro saiu com bastantes «gralhas» tipográficas, das quais pedimos desculpa e fazemos a devida rectificação:

O donativo atribuido ao *Centro n.º 1 da Ala 2*, foi oferecido pelo CENTRO N.º 2, não figurando, portanto, naquela lista a oferta do CENTRO N.º 1 DA ALA 2, QUE CONSTOU DE TODOS OS CANDEEIROS DE ILUMINAÇÃO QUE SE INSTALARAM EM S. JOÃO DO ESTORIL, NO VALOR DE ***1.597$50***.

A oferta do *Centro n.º 2 da Ala 2*, foi a seguinte: 21 VOLUMES PARA A BIBLIOTECA; 2 CANDELABROS DE PAREDE; 2 CASTIÇAIS; 1 FLOREIRA DE PAREDE, NO VALOR DE ***383$20***.

O valor da oferta do *Centro n.º 20 da Ala 2*, foi de ***361$20*** e não 361$00 como veiu publicado.

O valor da oferta do *Centro n.º 6 da Ala 4*. foi no valor de ***427$50*** e não 427$00.

O valor da oferta do *Centro n.º 7 da Ala 2* foi de ***269$75*** e não de 267$75.

O nome da ESCOLA INDUSTRIAL ANTÓNIO ARROIO veiu estropiado, saindo Escola Industrial António *Antas*.

PORTALEGRE

Dando cumprimento ao solicitado pelo Comissariado Nacional, realizou a Sub-Delegacia Regional de Portalegre, com a colaboração de elementos dos quatro Centros locais, uma pequena festa no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, desta cidade, simples no seu conjunto mas elevada pelo seu significado, e subordinada ao seguinte programa:

Breves palavras pela Adjunta da Sub-Delegada Regional, alusivas à época festiva do Natal: de confôrto para os doentes internados; de agradecimento para o Ex.mo Provedor, pela pronta aquiescência, e para as Ex.mas Dirigentes dos Centros locais, pela colaboração e boa vontade dispensadas;

Hino da Mocidade Lusitana executado por um grupo coral sob a hábil direcção da Ex.ma Senhora D. Clotilde Sequeira Ramos;

Auto de Mofina Mendes;

Recitativos vários;

Números de canto executados pelo mesmo grupo coral;

Distribuição de tabaco a todos os homens internados e de brinquedos às crianças.

Aproveitou-se ainda a festividade da época para distribuir três berços com as respectivas roupas e agasalhos para crianças recem-nascidas, em virtude de não ter sido possível concluirem-se para entrega em 8 de Dezembro.

A Sub-Delegada Regional Adjunta
Maria Dulce Simões Fonseca

COIMBRA

A nossa festa do Natal!... Que momentos bem vividos! Carinhas juvenis, olhos inocentes sorriam-nos com satisfação. A nossa alegria não era inferior à delas, não era menos expansiva! Com poucos recursos, mas com muita boa vontade, tinhamos alegrado tantos corações! Não conheceis as miuditas do Dr. Elísio de Moura? Pelo menos de nome, conheceis, não é verdade? Pois foi ao Asilo da Infância Desvalida, Obra dêste notável psiquiatra, que alberga criancinhas orfãs, botões de rosa cultivados para enfrentarem a vida árdua e impiedosa — foi a êste ninho de caridade cristã que as alunas do Liceu de D. João III, Centro n.º 17 da M. P. F., se dirigiram, no dia 17 de Dezembro, para levarem consigo um pouco de alegria e de bondade.

A festa teve o seu inicio às três horas e trinta. A sala do espectáculo, semeada de pequenas cadeiras, era a aula de lavores das miúdas. A assistência começou a ocupar os seus lugares, e as principais espectadoras entraram em forma, ostentando os seus bibes e as suas caritas redondas. Tudo crianças, tudo sorrisos! Como era bela a salinha de cortinas brancas com laços côr de rosa!

Atenção! A festa começa.

Sobe o pano, e um grupo de filiadas entôa o hino, após o qual a nossa Directora se dirige à assistência de palmo e meio. As suas palavras penetram no nosso coração. Ao corrermos os olhos pela sala, notamos que o ilustre médico volteja de um lado para o outro, tendo uma palavra amiga para tôdas, um sorriso alegre para cada uma.

Começa o lindo auto — o auto do Natal. Olhitos curiosos fixam os anjos, as suas vestes brancas e cabelos soltos, para em seguida se virarem extasiados para os friorentos pastores, envoltos nas mantas, de roda da foguelra. A «Nossa Senhora» é por elas admirada, ovacionada, quási *adorada*...

O quadro dos Reis transporta-as a outra época, a outras paragens mais belas! E as mãozinhas que se agitam exprimem-nos a sua alegria.

É freqüente ouvir-se em qualquer ponto da sala: «Que bonito! Gostei tanto!» «Olha, até parece Nossa Senhora a sério!» E se acaso as interpelamos: «Mas tu já viste Nossa Senhora a sério?» fixam-nos com um par de olhos atónitos, interrogadores e repreensivos.

Efectuou-se a seguir a distribuïção de brinquedos, rebuçados e frutas. Era tamanho o contentamento das pequenas que diziam: «Até parece o Natal!...»

Coraçõezinhos puros, alegres e agradecidos.

Quizeram-nos retribuir a alegria que lhes haviamos dado e, para isso, subiram ao palco as mais crescidas e fizeram uma festa para nós. As suas vozes harmoniosas elevaram-se na sala. Executaram, depois, interessantes quadros de gimnástica rítmica.

Regressámos a casa alegres e felizes.

«Embaixada da alegria e da bondade» se chamava a nossa festa, mas a verdade é que o que pretendiamos levar nos coube em grande parte a nós, pela retribuïção que as miúditas nos deram com a sua alegria e inocência.

Maria Luísa Mariano

*

Dignou-se assistir a esta «Embaixada», além do ilustre Professor Dr. Elísio de Moura, o Ex.mo Reitor do Liceu de D. João III.

Merecem especial referência pela sua dedicada colaboração dada à festa, a Ex.ma Senhora D. Virgínia Gersão e Professor Ilídio Gomes de Sousa Cyrilo.

Realizou-se ainda, no mesmo dia 17 de Dezembro, uma «Embaixada» do Centro n.º 15 a uma enfermaria de crianças do Hospital da Misericórdia, da qual não damos mais larga notícia por só nos ter chegado esta breve comunicação.

Brincando com as internadas

Coimbra — Filiadas da M. P. F. na «Embaixada» ao Asilo da Infância Desvalida

É quási um contra-senso que, passadas mais de três centúrias, ainda haja necessidade de retomar o velho tema de João de Barros, e vir terçar armas ao público, em defesa e «louvor» da nossa linguagem. Será ainda hoje necessário elevá-la no conceito das gentes, mostrar as suas qualidades, belezas e vantagens, sendo ela a *nossa* lingua? Pois a necessidade é premente.

Como já outro bom amigo da nossa «português casta linguagem» dizia em pleno século XVII, hoje é que, na verdade, a trazemos «mais remendada do que capa de pedinte». Ergue-se de vez em quando uma voz autorizada que clama «tende mão», como ainda há pouco aconteceu na Assembleia Nacional, mas em breve tudo volta á mesma quietação e marasmo.

Podem os professores nas escolas esforçar-se por ensiná-la e conservar-lhe um pouco o equilíbrio, podem os nossos escritores e jornalistas burilá-la com eloqüência e graça, isto não impede a degenerescência e o declínio, a que estamos assistindo. E, contudo, se nem todos poderíamos cultivá-la com brilho, todos poderiam usá-la com decência.

Enquanto não houver um movimento de opinião que faça volver os olhos para êsse campo à nossa Mocidade, sempre generosa e apaixonada de grandes ideais, sem se convencer que é um grande lema que ela tem de tomar à sua conta, continuaremos a assistir a esforços isolados, a vozes desgarradas, a controvérsias de críticos e a estudos de eruditos, mas a massa geral continuará por levedar.

De vez em quanto assiste-se à eclosão duma idéia nova, ao nascimento de associações ou ligas de carácter utilitário, benemerente, moralista, profilático ou quejandas, mas ainda estamos à espera de ver surgir o movimento em favor da conservação, pureza e enriquecimento do idioma nacional — terreno neutro em que caberiam esforços e boas-vontades de todos os sectores de opinião.

Se um colosso da imprensa quotidiana aparecesse a erguer essa bandeira, não lhe faltaria assunto, não lhe faltaria público, e tornar-se-ia crédor da gratidão daquela parte do país consciente da responsabilidade da hora actual.

Por enquanto o assunto tem sido relegado para a pequena imprensa ou para as publicações da especialidade e as massas continuam alheias, imersas no comodismo e na ignorância.

Se os grandes pioneiros do desbravar do terreno da incultura nacional, neste particular, se foram gastando e desaparecendo, se passou completamente a geração de Gonçalves Viana, Adolfo Coelho, D. Carolina Michaëlis, José Leite de Vasconcelos, J. J. Nunes, para só citar alguns dos maiores, se ainda há pouco tivemos a lamentar a perda do estrénuo defensor e cultor da lingua que se chamou Agostinho de Campos e que, pela pena, pela conferência, e pela rádio, deu a sua vida a êste grande ideal; se quási só nos resta hoje o professor Moreno, que ao serviço do idioma pátrio tem dado a sua tenacidade e o seu trabalho fecundo, — porque não há-de a Mocidade, herdeira em tudo das tradições do passado, e sua fiel depositária, tomar a peito êste problema, pô-lo em equação e começar desde já a resolvê-lo?

* * *

E a Mocidade Feminina pode fazer tanto ou mais que a Masculina, neste importante sector. Como guarda vigilante dos lares e das tradições da Nossa Terra, que tarefa linda no entesourar, no arrecadar de tanta riqueza perdida!

A's gerações transviadas, desorientadas, incoerentes, oponha-se desde já uma geração consciente, compenetrada do grande papel que lhe cumpre desempenhar.

— Idéias práticas?

— Directrizes?

Por exemplo: Formação de ligas nas escolas a favor da conservação e respeito à lingua. Todos os membros se comprometeriam a pôr de parte o calão, a repudiar a construção ou o termo afrancesado e a procurar o equivalente, quer no português antigo, quer na linguagem popular, quer ainda na lingua-mãe.

No capitulo pròpriamente das actividades fiminínas, nos seus trabalhos privativos, na nomenclatura de modas, elegâncias e arranjo do lar, quanto galicismo escusado!

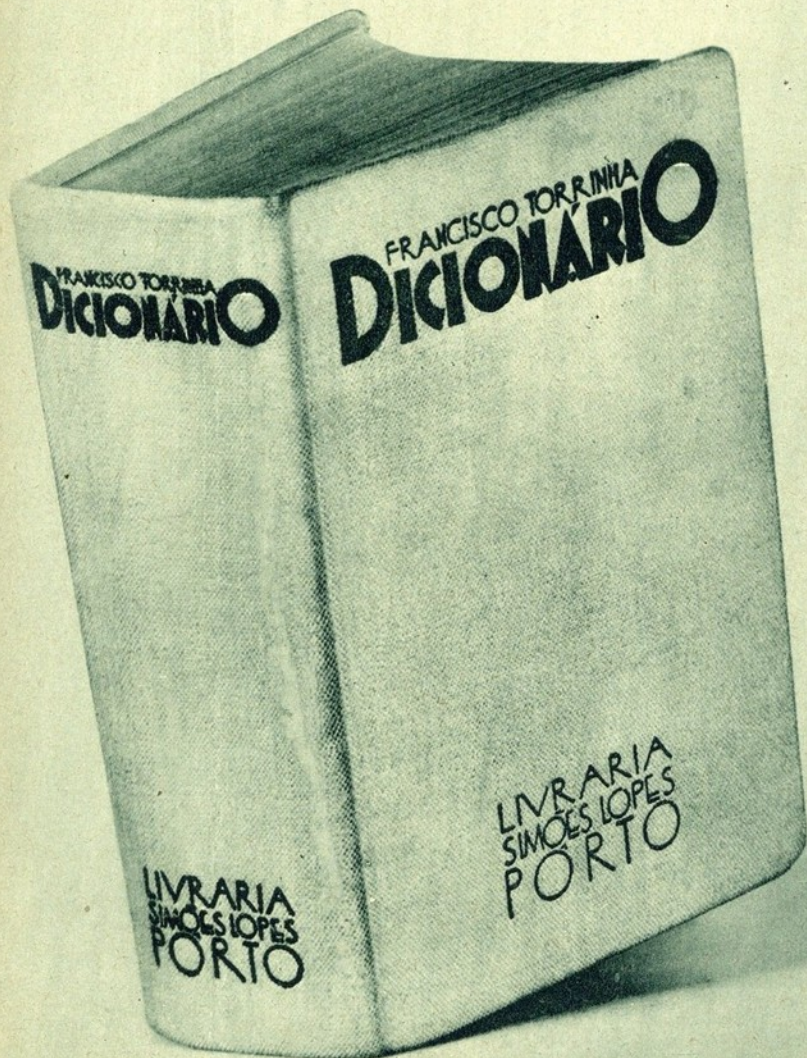
Que salsada não é a linguagem da mocidade feminina dos nossos dias! E para as nossas estudantas de Letras que possibilidades antevejo!

Fantasio teses, trabalhos originais, glossários e colheitas que enriqueceriam o léxico e fariam a glória de tanta cabeça desocupada!

E. V.

FRANCISCO TORRINHA
DICIONÁRIO
LIVRARIA SIMÕES LOPES PORTO

HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ

A EPIDEMIA

HAVIA na estância um casal de gaúchos velhos. A mulher prestava alguns serviços em casa, quando era necessário. O marido já não podia cavalgar nem lançar com mestria o tiro de bolas, com que eram apanhados para domar, potros e novilhos, mas tinha aprendido com um índio pampa a conhecer as ervas medicinais e com elas fabricar xaropes e remédios, em cozimento e em infusão.

Minha avó desde criança se tinha interessado por esta medicina primitiva, que a mulher executava debaixo das ordens do marido, e, muitas vezes, quando a procuravam, a iam encontrar na casita do velho casal, que a mulher mantinha no mais completo aceio, e que rescendia a aromas de ervas que ela punha a secar em bem atados molhos, pendurados numa das traves do teto.

Minha avó seguia com tôda a atenção as várias fases dos cozimentos e ajudava muitas vezes a velhota a pisar no almofariz de mármore, ervas e sementes.

Sua mãe ria-se da sua tendência e por brincadeira chamava-lhe «a curandeira».

Mas o caso é que com êsse interêsse ela foi aprendendo o valor da erva cidreira para as doenças de nervos e de estômago, da tilia como calmante, das papadas de ortigas pisadas com vinagre para as inflamações, da borragem para as constipações, e tantos outros medicamentos caseiros, frutos secos em xarope, agriões e outras coisas para a tosse.

E conforme ia crescendo, ia aplicando em casa às pessoas de família e à numerosa criadagem a receita dos velhos gaúchos Quando êles morreram, apenas com uns dias de intervalo, como se não pudessem viver um sem o outro, tinha minha avó 15 anos, e já se tinha espalhado por aqueles arredores a fama de que ela conhecia os segredos dos velhos e tratava tão bem como êles as várias doenças que apareciam, em geral catarrais, como então se chamavam às bronquites, ou enterites provocadas pela fruta, ou pelas águas, más naquelas regiões.

De resto, aquela gente rude era saudável; minha avó fazia curativos quando havia pequenos desastres, e tinha na copa um armário com as ervas que apanhava nos seus passeios, com os fios de linho que arranjava desfazendo roupas usadas, e os frascos com álcool, arnica, água sedativa e outros remédios então usados. Aquêle armário, de que só ela tinha a chave, era o seu orgulho, e agora, em casa, já ninguém se ria, porque raros eram os que ainda não tinham utilizado o seu saber, que tão bons resultados dera já.

E era interessante ver aquela fresca rapariga de pele deslumbrante e rosada, debruçada sôbre os doentes, tratando-os e aliviando os seus males, que se não fôsse ela ninguém aliviaria depois da morte do velho casal, porque médico era coisa que não havia em muitas léguas em redor.

E não só gente tratava, como os próprios animais; pulmonias dos cavalos, indigestões das vacas, e até operações fazia nas aves, abrindo-lhes o papo quando estavam indigestadas, sobretudo aos perús, esvaziando-os e cosendo-os de novo com a perícia de um cirurgião.

Mas um dia, que ela nunca esqueceu, contava então 18 anos, um quente dia de verão em que estava lendo no jardim, alegre e branca, com o seu lindo vestido de cassa, apareceu-lhe aterrado um dos gaúchos da estância: — «Menina já cá temos o mal».

Havia tempos que se dizia que nas estâncias próximas lavrava uma epidemia

(Continua na pág. 13)

Rosa Bonheur

NA galeria das figuras femininas que se dedicaram à arte e deixaram à posteridade uma obra que ilustrou o seu nome, Rosa Bonheur ocupa em França um dos primeiros lugares. Nasceu em Bordeus, no dia 16 de Março de 1822. O pai era professor de desenho e a mãe professora de música; ambos com verdadeira vocação artística, que não atingiu o desenvolvimento que poderia ter tido, abafada pela necessidade de ganhar a vida dando lições.

Família modesta, mas em que se vivia num ambiente elevado de arte.

Desde pequena, Rosa mostrou inclinação para o desenho. Ela própria conta: «Aos 4 anos sentia já uma verdadeira paixão pelo desenho e rabiscava as paredes brancas, tão alto quanto lhes podia chegar, com os meus tôscos desenhos».

Não queria aprender a ler. Só gostava de andar pelas matas, correndo atrás dos animais — os animais que haviam de ser sempre o motivo preferido das suas mais belas obras de arte.

Êste amor pelos animais parece ter nascido com ela. Aos 6 anos trouxe para casa tantos besoiros, que a mãe dizia numa carta para uma pessoa de família «que já não tinha onde os meter».

Ainda nessa mesma idade, quando passava por uma loja onde havia um javali pintado, acariciava o quadro com um gesto carinhoso.

Como Rosa mostrava uma grande negação para os estudos, puseram-na numa costureira; mas também ai não conseguiram prendê-la e interessá-la.

Um dia, tinha Rosa 13 anos, o pai encontrou um pequeno quadro que esta tinha pintado às escondidas: um ramo de cerejas revelador de tais qualidades artisticas que o pai compreendeu que era necessário deixá-la seguir a sua vocação — e Rosa começou a aprender desenho com o próprio pai e a freqüentar o Museu do Louvre.

Passava às vezes ali dias inteiros, a copiar obras de mestres. Nesses dias, o seu almôço era apenas um pão acompanhado de batatas fritas. Mas Rosa, tôda entregue à sua paixão, contentava-se com essa alimentação frugal.

Em 1841, tinha Rosa 19 anos, os pais foram morar para Monceau, que então era ainda pleno campo, onde não faltavam vacas, coelhos, cabras e outros animais.

Rosa, que tinha sempre sentido um gôsto especial em pintar animais, aproveitou os «modêlos» que tinha agora à disposição e pôs-se apaixonadamente a estudar os seus movimentos, as suas expressões e os seus costumes.

No inverno, como era dificil continuar êsses estudos ao ar livre, obteve do pai que lhe permitisse ter no terraço da casa um carneiro, que foi durante 2 anos o seu «modêlo». Um irmão de Rosa levava-o todos os dias a pastar nos campos vizinhos.

Ao carneiro veio depois juntar-se uma cabra, e Rosa arranjou também uma gaiola onde meteu vários pássaros, e um esquilo que se fartou de fazer diabruras e teve de ser expulso... Dentro do seu próprio quarto tinha codornizes domesticadas que ali andavam em liberdade.

Foi neste ano que Rosa concorreu pela primeira vez ao «Salão» com um quadro que representava dois coelhos, e um desenho onde figuravam cães e carneiros.

Quadro e desenho passaram quási despercebidos, mas o facto de terem sido admitidos é já um reconhecimento do seu valor.

Durante 12 anos os seus quadros nunca faltaram no «Salão»; depois, passou a expôr apenas em exposições universais.

Começou também, então, a dedicar-se à escultura, moldando animais; sempre os animais lhe deram inspiração em tôdas as formas de arte.

A sua alma de mulher inclina-se com ternura para os animais, aprende a ler nos seus olhos e a pressentir os seus sentimentos; os animais que aparecem nos seus quadros não têm apenas beleza física e perfeição anatómica (Rosa ia aos matadouros estudar), quási que têm alma!

A natureza atraía-a também. E' igualmente uma paisagista cheia de talento. A natureza foi o seu grande *atelier*. Assim como o seu coração se impressiona com os animais, a sua alma sabe sentir a poesia da terra e da vida do campo.

O quadro que tornou Rosa Bonheur célebre foi o «Mercado de cavalos», exposto no «Salão» de 1853, tinha a artista 31 anos. Já antes lhe tinha sido concedido uma medalha, mas o sucesso dêste quadro foi retumbante.

Adquirido por um inglês que o levou para Londres, tornou Rosa Bonheur conhecida na Inglaterra, que se mostrou sempre insaciável dos seus quadros.

Começaram a afluir os compradores e Rosa a fazer fortuna...

Mudou mais uma vez de *atelier*, que instalou junto de um grande jardim onde reuniu os mais variados animais: bezerros, cabras, ovelhas, uma égua (que lhe servia também para montar), carneiros, uma lontra, um macaco, uma matilha de cães e todos os animais de capoeira.

Mas tudo isto não era ainda nada comparado com o seu verdadeiro «Jardim Zoológico» do Castelo de By, situado na floresta de Fontainebleau, para onde em 1867 foi residir e onde se conservou até à morte.

Além dos animais já citados, tinha ali gazelas, veados, gamos, cabritos e cabras montezes, vacas, cães de variadas raças, javalis, bufalos, macacos, raposas, águias e variadíssimos pássaros, tartarugas, sardões, marmotas, esquilos, furões, touros, e até 2 leões!...

No meio desta colecção de animais Rosa sentia-se felicíssima e os seus quadros, cada vez mais apreciados na Inglaterra e na América, eram sempre um novo sucesso.

Um dia, a própria Imperatriz lhe foi levar, de surprêza, a Legião de Honra.

Rosa encontrava-se a trabalhar tranqüilamente no seu *atelier* quando a criada lhe veio anunciar a presença da soberana. Foi uma atrapalhação! Mal teve tempo de mudar a sua blusa de trabalho por outra.

E a propósito de condecorações é interessante recordar que Rosa Bonheur possuia a comenda portuguesa de S. Tiago da Espada.

O repouso no prado

Veados ao luar

Rosa Bonheur, aos 27 anos. Quadro de Eduardo Dubufe

Adorava as viagens, mas nem então deixava de trabalhar.

A paisagem, os animais, as cênas pitorescas a que assistia, tudo lhe fornecia temas de estudo. Descia de carro e traçava ràpidamente esboços; quando regressava de uma viagem de três semanas trazia motivos para «vinte anos de trabalho», dizia uma sua amiga.

Muitos dos seus quadros são a reprodução de *cenas vivas* que a impressionaram nessas viagens.

Rosa Bonheur não utilizou só para obras *suas* o seu talento: procurou transmitir os dons que tinha recebido da Providência. Foi directora de uma escola de desenho durante 12 anos (1848 a 1860).

Em 1870, durante a guerra da França com a Alemanha, a região onde Rosa residia foi invadida e o seu castelo tornou-se o amparo dos camponeses que a guerra privava de tudo e que ela socorria o mais que podia.

Não era só auxilio material que encontravam junto da ilustre artista; eram palavras de fé e confiança que davam coragem para suportar as privações e sofrimentos da guerra.

Os próprios inimigos, admiradores do seu talento, manifestaram a Rosa Bonheur a sua consideração, querendo dispensar-lhe medidas de excepção, que Rosa, patriòticamente, não quis aceitar.

Durante a guerra o seu sofrimento moral foi tão grande que até perdeu a disposição para trabalhar. Consolava-se junto dos seus queridos animais, e apesar de não pegar no pincel, mesmo assim continuava a trabalhar, observando-os e tomando apontamentos. Freqüentava também assiduamente o Jardim Zoólogico e nos seus quadros após-guerra aparecem com freqüência leões, tigres e panteras. Os leões, sobretudo, tinham a sua preferência. Gostava de os representar como «reis do deserto».

O tempo que não passava junto dos animais gastava-o em longos passeios pela floresta, sòzinha, mas sem se sentir isolada: as árvores, que ela amava tanto, eram as suas companheiras. Para ela, a floresta era cheia de vida; vida que sentia palpitar em tudo. Vivia com uma amiga, que estimava como se pertencesse à sua própria familia; Rosa não tinha coração só para os animais, também nêle cabiam grandes amizades humanas. A morte desta amiga, em 1889, foi um dos grandes desgôstos da sua vida. Dez anos depois, era ela que partia... A morte veio buscá-la em plena actividade: tinha acabado de apresentar um novo quadro no «Salão» — *Vacas e Toiros de Auvergne* — e falava-se em dar-lhe a «medalha de Honra». Já a não recebeu. Morreu repentinamente com uma congestão pulmonar. Tinha 77 anos.

Grande artista, não será imitável para nós na sua arte, mas deixou-nos a todos uma grande lição: a lição de trabalho perseverante, o exemplo duma vontade forte que triunfou.

Pobre, sofreu a pobreza com coragem, sem desistir do seu ideal.

Nenhuma dificuldade lhe tirou o encanto pela arte, nem tão pouco o sucesso e a fortuna lhe tiraram o «culto da arte».

Maria Joana Mendes Leal

SERÁ MÁ A NOSSA ÉPOCA?

São assim, as raparigas de hoje...

CADA época da história tem uma característica especial e uma gente diferente. A gente que providencialmente veio ao mundo na hora própria, na sua hora.

Que diria uma das nossas trisavós se agora ressuscitasse e nos visse montadas em bicicletes ou freqüentando sòzinhas bairros operários?

E nós como nos sentiriamos sufocadas dentro dos lindos vestidos do século XVIII, bordando a matiz por detraz de janelas fechadas, esperando um casamento que as famílias determinariam...

Aqui há tempos, conversando com um homem inteligente e compreensivo, lamentei que determinado convento antiquíssimo tivesse sido construido em sítio sombrio e sem horizontes, ao contrário dos modernos, soalheiros e de largas vistas.

—V. pensa assim — respondeu-me — porque vive nesta época, se vivesse no século em que foi edificado, pensaria como os que ergueram estas paredes.

E eu, reflectindo, achei que êle tinha razão.

Todos creem que o seu tempo é o melhor, justamente porque responde às suas aspirações íntimas, ao seu temperamento, ao modo de viver que lhe agrada, e se duas gerações são intransigentes e não procuram adaptar-se e compreender-se mùtuamente, é difícil o entendimento entre elas.

Mais do que nunca, agora, que a Grande Guerra trouxe uma transformação enorme à sociedade.

Em menos de vinte anos, evoluiu-se mais que noutros tempos, em cem.

A mocidade de hoje é talvez mais atrevida, mais indisciplinada, mas tem mais personalidade, mais energia.

Essa energia, coragem, desassombro ou como quer que se lhe chame, é talvez a nota dominante da época. Pode ser um defeito, (eu acho que defeito nunca é) mas pode prejudicar, e prejudica de facto às vezes, quando mal orientada. Vêm as imprudências, as revoltas, as quedas.

Mas como é linda a energia posta ao serviço da boa causa! A coragem de encarar a vida bem de frente, sorriso nos lábios! O desassombro de afirmar uma personalidade e de a manter através de tudo!

O futuro é para todos uma interrogação, mas de uma coisa podemos estar certos, é de que êle será o que a mocidade de hoje quis-r que seja.

Ele será o que forem os homens e as mulheres, e para ser Alguém é preciso ter uma vontade forte, decidida, essa tal energia, de que falo acima.

Eram assim, há um século...

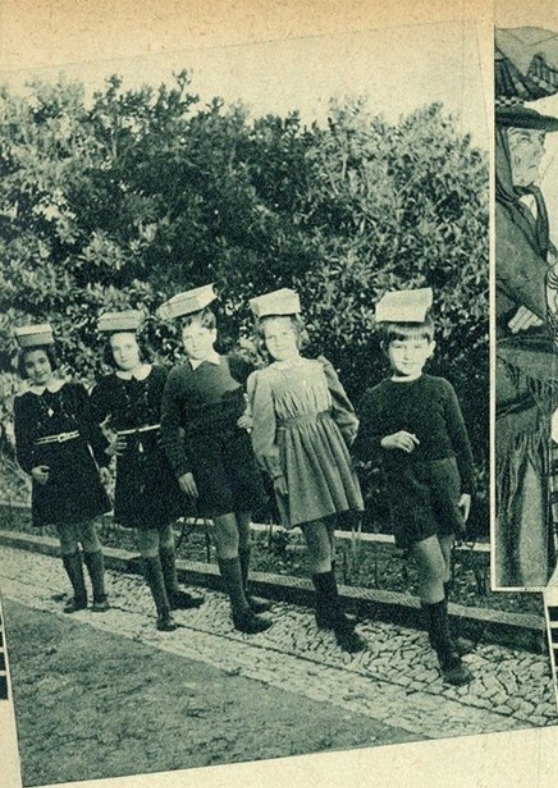
Não correm os tempos para os mornos, para os bonsinhos, que dizem: «amen», às idéias de todos e não têm idéia nenhuma. Esses nunca produzirão nada e serão esmagados no choque das vontades dos outros.

Henry Bordeaux tem um romance «La peur de vivre» que magistralmente defende essa tese. E' a história de uma rapariga sem vontade, que sacrificou o seu coração, os seus desejos, a sua felicidade, a uma vontade forte que a tiranizou.

E ao lado desta figura apagada de uma rapariga que fez a sua desgraça, coloca a personalidade forte de uma senhora de feitio suave e carácter firme, que faz de todos os seus filhos homens e mulheres às direitas, pela sua coragem para a vida, que encara sempre de frente, esquecendo-se de si própria, para que êles vivam plenamente.

As grandes coisas só as consegue quem se apaixona por um ideal belo e elevado e o serve com coragem e fôrça de vontade.

E é justo que assim seja. Se a nossa mocidade aprender bem isso e o quizer realizar, os vindouros poderão apontar à nossa época muitos defeitos, mas terão sempre que se curvar perante essa grandeza!

Maria Augusta de Alpuim

CULTURA FÍSICA

BELEZA, SAÚDE, EQUILÍBRIO E RESISTÊNCIA DO CORPO

TIVE uma professora de Francês que era a bondade em pessoa. Loira e rosada, baixinha e roliça, tinha sido muito bonita, e à data a que me refiro ainda possuia um perfil de medalha e bastante frescura para os seus 58 anos.

Como gosto muito de ginástica, um dia em que a boa senhora lá foi jantar, fui-lhe mostrar o meu espaldar novo que a custo e ao fim de largo tempo conseguira de minha Mãe que fôsse pôsto na parede do antigo quarto de estudo de nossa casa.

Venha ver o meu espaldar, disse-lhe eu, e mostrei-lho orgulhosa. — «Suba» — disse ela. Eu subi e fiz os movimentos de ginástica que meu Pai me ensinara, levantando a perna em anglo-recto, etc.

Quando desci, a minha boa amiga disse, entusiasmada: — «Agora vou eu. Quero experimentar». — Mas acabou de jantar, tornei eu. — «Não tem dúvida». E tirando-os sapatos para não escorregar trepou pelo espaldar com agilidade e entusiasmo. Suspendeu-se pelos braços e com grande pasmo meu vi-a levantar três vezes as pernas em anglo recto.

Fiquei muda de espanto!...

Quando ela desceu finalmente, um tudo nada ofegante, felicitei-a e preguntei-lhe como é que na sua idade e já um tanto pesada podia fazer um exercício violento ao qual não estava habituada.

— «Todos os dias de manhã faço as minhas orações e em seguida 20 minutos de cultura física com a janela aberta. Alguns movimentos fáceis para me disporem bem e não me deixar entorpecer e envelhecer.

Faça espaldar minha querida, faça! Quando tiver a minha idade há-de fazer o anglo-recto com mais facilidade do que eu, pois começou novinha, ao passo que eu só faço ginástica desde os 40 anos.»

Nunca mais esqueci isto!

Já lá vão quási 10 anos. Casei; e com as minhas prendas foi solenemente transportado para a minha casa, o meu espaldar. Meu marido mandou-o prender à parede da casa de banho, onde me penduro, baloiço e estico diàriamente.

Quando a preguiça, o frio ou a falta de tempo me impedem de fazer cultura física, o que agora tem sucedido por causa dos grandes frios, trepo depressa ao espaldar, e em 5 ou 10 minutos eis-me bem disposta para todo o dia, e razoàvelmente «ginasticada».

O espaldar tem muitas vantagens, mas como tôdas as ginásticas de suspensão com elevação de pernas, não se deve abusar por serem violentas.

A simples suspensão alonga a linha geral do corpo e favorece o crescimento, (segundo os métodos modernos.)

Mantendo os braços afastados mais uns 5 centímetros que a largura dos ombros, desenvolve-os e alarga-os; levanta a caixa toráxica e mete o abdómen para dentro, facilitando a respiração toráxica.

A elevação das pernas em anglo-recto ou alternadamente, fortifica as abdominais, tornando o ventre chato pelo refôrço da cinta muscular abdominal.

Temos pois a lucrar com êste exercício. O desenvolvimento do busto, o que sempre realça uma mulher; deminuição do abdómen e embelezamento das costas, direitas pela rectificação das omoplatas.

Mas... nem todos podem ter um espaldar. E eu própria tenho um ocasionalmente, e, se não tivesse uma casa de banho espaçosa, não poderia utilizar-me dêle.

Antes de possuir um espaldar, usavamos, meus irmãos e eu, pendurar-nos numa trave onde nos baloiçavamos prêsos pelas mãos e de onde caímos várias vezes.

Antes de ter descoberto a trave, penduravamos-nos numa simples porta a mando de meu Pai, precursor das idéias modernas sôbre cultura física, que entendia necessária à nossa boa saúde e à harmonia e alongamento das nossas silhuetas.

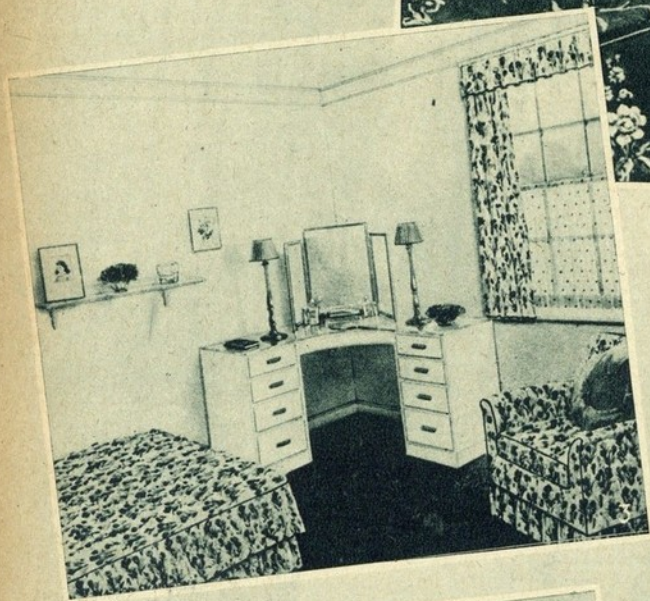
Outra coisa costumava mandar-nos fazer meu bom Pai, na época em que por crescermos muito tinhamos tendência a curvar-nos. Punha-nos em equilibsio sôbre a cabeça 2 ou 3 volumes da História Universal bem pesados, e mandava-nos andar em bicos dos pés no corredor durante 20 minutos mais ou menos.

Que bons resultados isso dá! Convém ter a cabeça bem levantada. O esfôrço para equilibrar os livros é um belo exercício para os músculos dorsais. «Dá um bom porte, dizia meu Pai; não vêem as varinas? São as mulheres mais direitas e esbeltas de Lisboa e isso porquê? Por causa da canastra que carregam à cabeça».

Mais tarde vi num tratado Americano de cultura física estas mesmas teorias e conselhos. Hoje as vedetas de Cinema carregam livros à cabeça; tornou-se moderno.

Por serem fáceis estas duas formas de fazer ginástica estão ao alcance de tôdas.

Desejo-lhes que aos 58 anos possam fazer o anglo-recto com a facilidade da minha boa e querida mestra.

Maria Benedita

PARA O VOSSO QUARTO

Passaram de moda os toilettes *e as* psychés...

Voltaram a ser apreciadas as cômodas, durante algum tempo tão desprezadas (1); *e usam-se toucadores feitos com simples armação de pinho escondida debaixo duma cobertura de qualquer tecido que dê bem com o conjunto do quarto* (2); *ou móveis modernos que se encaixam fàcilmente num canto, alguns bastante práticos e graciosos* (3).

Se queres arranjar o teu quarto, aqui te ficam várias idéias com os respectivos modelos.

TRABALHOS de Mãos

BLUSAS

Vem aí a Primavera. O vento está menos frio, o sol mais quente, e os dias maiores.

As flôres despontam por tôda a parte. Breve virão as andorinhas.

A terra desperta do sono invernal. As árvores cobrem-se de fôlhas novas. Como o tempo aqueceu!... Mal se suporta o casaco! Que calor! Que pêso!... E eis-nos a pensar no nosso vestido de saia e casaco pendurado no guarda-vestidos desde o Outono.

Um vestido de saia e casaco está sempre na moda e quanto mais clássico mais dura.

Para o renovar e dar-lhe uma aparência fresca e primaveril faremos uma blusa nova. Simples, bonitas, e fáceis de pôr, eis aqui algumas que faremos nós mesmas; em sêda, algodão ou chita, cada qual segundo as suas posses.

E' tão agradável coser tecidos leves...

M. B.

HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ

(Continuação da pág. 7)

de bexigas, que não só desfigurava a população mas já tinha causado muitas mortes. Sobressaltada com a notícia, minha avó preguntou quem estava doente. Era Consuelo, uma pequena, filha duns criados da casa.

Partiu imediatamente acompanhada do gaúcho; encontrou a pequena na cama a arder em febre e com a cara inchada e cheia de manchas vermelhas.

Foi logo ao seu bom armário e começou a fazer uns cozimentos de ervas, preparando umas tisanas, que começou a misturar-lhe.

Sua avó e sua mãe, quando souberam do que se tratava não queriam que ela se aproximasse da doente. Minha avó pediu-lhes por tudo que a deixassem tratar a pequena, e à observação que lhe fizeram:

— Mas, minha filha, podes morrer ou ficar desfigurada, perdendo a frescura da tua linda pele.

— Será o que Deus quiser.

Em face da sua resistência, as senhoras cederam, ainda que o coração se lhes apertasse, no receio que contraísse a horrível doença.

Nessa época não havia vacinas preventivas e onde aparecia o flagelo alastrava em pouco tempo.

Alguns dias depois já havia muitos casos de variola na estância e minha avó a todos visitava e tratava.

Foi tão feliz com os seus doentes que quási todos se curaram e só houve duas mortes na estância. Um velho de 80 anos, cujo coração não aguentou a febre, e uma criancinha.

As raparigas que tiveram as bexigas conseguiram não ficar muito desfiguradas, tendo a coragem de se não coçar e de pôr na cara uma papada de ervas pisadas, que minha avó lhes fazia.

Em pouco tempo espalhou-se a fama das curas que tinha feito e raro era o dia em que não vinham buscá-la para ir ver doentes a estâncias situadas a umas poucas de léguas, e lá ia a cavalo acompanhada por um dos irmãos ou um criado velho de confiança.

Uma noite de calor, era perto de meia noite, tudo dormia na estância, foram acordadas por um estropear de cavalos e fortes argoladas na porta da casa de habitação. Eram três homens a cavalo, que vinham pedir para que a «señorita» os acompanhasse a ver um doente que se encontrava com «el malito».

Os irmãos de minha avó não estavam, o velho criado estava doente e as senhoras não deixaram que a menina partisse com desconhecidos, de noite.

Minha avó ficou desolada, um dos homens chorava, o doente era seu filho e pedia-lhe que fôsse com êle; a certa altura tirou debaixo do «poncho» um saco de moedas de oiro e ofereceu-lho para ela ir.

As duas senhoras não transigiram e minha avó não os acompanhou, mas recordando êsse facto, dizia sempre:

— Não me consolo, quem sabe se o doente morreu! E creiam que não é do oiro que tenho pena, é daquêle doente que não conheci e que nunca soube quem era.

O interessante de tôda esta história é que minha avó não teve as bexigas nem ninguém da família as teve, vivendo naquêle meio, que era um foco de contágio.

A sua deslumbrante pele conservou-se linda até aos 87 anos, e o que é para notar é que, quando minha avó tinha 82 anos houve em Lisboa uma pequena epidemia de variola, tôdas nos revacinámos, e minha avó pela primeira vez foi vacinada e as vacinas pegaram-lhe com uma violência extraordinária.

Porisso ela dizia:

— Entreguemo-nos a Deus e deixem-se dessas coisas que só servem para sofrimento.

Por fim, lá se convenceu de que devemos aproveitar os benefícios da ciência. Mas perante os seus olhos aparecia sempre a visão da rapariga fresca e linda que tinha sido, vestida de branco e debruçada sôbre os leitos em que, pustulentas, sofriam as bexigosas da estância, e dava graças à Divina Providência que a livrara, e aos seus, de tão grande sofrimento.

Eram assim as raparigas daquela época.

Maria d'Eça

PARA LER AO SERÃO

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO — **Desenhos de GUIDA OTTOLINI**

CHÁ DA COSTURA — MARIA VAI CASAR

— Não sei se sabem, meninas — começou Clara — que me lembrei de uma novidade interessante para as nossas tardes.

— O que será?! — preguntaram algumas.

— Ai, Clara — suspirou Joana — queira Deus que não seja aumento de trabalho e redução de comestíveis...

Tôdas riram. Clara tornou, bem humorada:

— Nada disso, Jana. E' claro que o nosso trabalho deve ir sempre em aumento, ouve-me bem! mas a idéia é outra. Vamos tirar à sorte, de umas vezes para as outras, qual de nós há-de ser a *menina do dia* na vez seguinte.

Entreolharam-se tôdas, sem compreender.

— A *menina do dia*, a quem coube a sorte, terá que apresentar, no *chá* seguinte, qualquer coisa interessante, ou útil, agradável, ou instructivo...

— Não entendo nada — declarou Joana.

— Explica melhor, Clara, sim? — pediu Alice.

— Olhem, façamos de conta que escrevemos já os nomes de tôdas nós em papelinhos que dobramos ou enrolamos — disse Clara. — Cada uma é escolhida (por ordem alfabética dos nomes) para tirar a sorte de cada vez.

— E então?...

— Aquela cujo nome saiu, será, repito, a *menina do dia* da próxima costura: terá de apresentar um bôlo especial, ou de ensinar qualquer coisa nova e interessante, ou de ler alguma obra da sua autoria, ou de mostrar a sua habilidade de maneira especial.

Joana amuou. E observou:

— Aqui estou eu, por exemplo, caso saia o meu nome: não tenho geito para bôlos; só sei fazer o velho Saboia e êsse mesmo... nem sempre cose. Escrevo péssimamente; e com as mudanças de ortografia nunca sei se hei-de pôr *ss* se *cc* com cedilha. E para mais...

— Estás a caluniar-te, Jana — interrompeu Clara, a rir — és muito capaz de ter idéias engraçadas e engenhosas; não fôste tu que no verão passado organizaste um concurso de boas acções entre a garotada do teu bairro?

Joana encolheu os ombros.

— Isso foi nada; não teve importância nenhuma.

— Pois foi uma idéia engraçada e generosa: tanto mais que deste belos prémios aos mais classificados!

— Quem te disse isso tudo, Clara? — preguntou Joana, admirada.

— Foram justamente alguns dos concorrentes — respondeu Clara, risonha. — Já vês que és bem capaz de apresentar idéias, projectos, novidades, etc.

— Vamos arranjar as sortes, querem? e Maria José, ajudada por Alice e Rita, depressa escreveu os nomes de tôdas.

— Tira lá tu a sorte, Clara — pediram.

— Saiu a Rita! — exclamou Clara, desdobrando o papelinho.

— Mas que hei-de eu fazer?! — preguntou Rita, sem entusiasmo.

— Daqui até lá tens tempo para pensar — concluiu Clara — agora, toca a trabalhar, meninas!

— Mas que hei-de eu fazer...— repetiu Rita baixinho, enquanto cosia uma camisinha.

— Muitas raparigas — disse Marta — usam desleixar-se depois de casadas. Ora...

Maria cortou:

— Conheço algumas que dizem: «Não vale a pena estar com apuros e massadas. O marido conhece-nos bem»!

— Que enormíssimo disparate êsse, Maria! e como elas arriscam, imprudentemente, a boa disposição do marido...

— Como, Marta?

— Pensa bem nisto, minha filha, responde-me: será porventura agradável a um homem, seja qual fôr o seu feitio, chegar a casa e ver a sua mulher mal penteada, mal vestida, desmazelada? essa mesma mulher que, em solteira, se apresentava elegante e cuidada?

— Se êle gostar dela devéras, importar-se-há com o seu arranjo?!

— A sua impressão será bem melhor se a vir engraçada, arranjada, o cabelo bem penteado, um fato que a favoreça. Podes crer, Maria, que o próprio *amor* se deixa influenciar por certas exterioridades...

— Tu achas isso, Marta?!

— Tenho a certeza do que te digo, Maria. Nunca esquecerei o desconsôlo de certo amigo do Manuel (casado havia poucos mêses) quando via a figura desastrada da mulher com a «toilette» de casa: o cabelo sempre esgadelhado, os sapatos cambados, o vestido mal feito, um avental com nódoas... Para sair, então, eram todos os cuidados, os apuros, a elegância.

— Isso era natural, Marta!

— Não, Maria, não concordo com o sistema. Seja para casa, seja para a rua, seja para qualquer ocasião da sua vida, a mulher casada deve apresentar-se *sempre* com todo o aprumo, com a elegância apropriada à situação; e ter o máximo cuidado, podes crer, em procurar... o que a favoreça.

— Mas olha que muitas vezes, sobretudo quando o casal não fôr rico e houver um bando de meninos...

Marta abanou a cabeça e tornou, sorridente:

— Conheces a Milinha? Talvez te não lembres dela, pois vive fora de Lisboa, em plena aldeia.

— Lembro-me perfeitamente — disse Maria.

— Pois cito-a sempre como um modêlo *raro* da mulher casada admirável. Vivendo longe da cidade, nunca deixa de manter a sua elegância pessoal; e o marido, ao chegar do seu trabalho, encontra-a sempre sorridente e fresca, no meio do encantador rancho de cinco filhos: dos quais o bébé ainda não tem dois anos.

— Parecem bem felizes... — murmurou Maria.

— A alegria daquela casa é confortante para quem lá vai! E olha que não é pelo luxo nem pelos divertimentos, nem pelas festas! Vivem uns para os outros, uns pelos outros, adorando-se, interessando-se, desenvolvendo-se... — Marta calou-se.

— E afinal — tornou, depois de um momento — tôda a felicidade desta família é composta pelos seus próprios elementos.

— Tens razão, Marta...— concluiu Maria, um pouco cismática.

«O marido encontra-a sempre sorridente e fresca no meio do rancho dos filhos»...

MARIA RITA SOLTEIRA

X

Passaram mêses desde que escrevi no meu querido Diário... E nestes mêses todos, tenho trabalhado deveras: com interêsse, com gôsto, com proveito!

— A Mirri está-se tornando notável — declarou o Gonçalo. E esta opinião deu-me prazer; atendendo a que para o meu mano só é notável a Juca, que dentro de um mês se tornará minha irmã.

— Como é que, de repente, te nasceu êsse juízo formidável?! — preguntou o impertinente Xana.

— Com o teu exemplo! — respondi.

— Querem saber uma novidade estupenda? — anunciou a Luizinha, entrando de roldão na casa de jantar, à hora do almôço.

— Que novidade é essa? — preguntou a Mãe, admirada.

— A Rosinda, costureira, é que a trouxe esta manhã — tornou a Luizinha — Mas peço-lhes que não fiquem horas a adivinhar...

— O Belenenses venceu o Benfica? — preguntou o Xana.

— Frio, gelado... — respondeu a Luizinha, com ar enjoado.

— A Rosinda não é a costureira das Silveiras? — preguntou o Manuel.

— Tal qual — disse a Luizinha — e é delas que se trata!

— Já sei — tornou o Xana — a mãe Silveira perdeu, com o racionamento, trinta quilos de gordura! (ninguém achou graça nenhuma a esta impertinência).

— A Luli vai casar! — exclamou a Luizinha — e a Rosinda já está a trabalhar no enxoval dela!

— Isso é bestial! — comentou o Xana, com entusiasmo. — Talvez me convidem para o casamento!

— É impossível — gritei eu, impressionada — a Luli não me disse um pio! E com quem, fazes favor de me dizer? — tornei eu, agressiva.

— A Rosinda não conhece o noivo: mas sabe que está longe de Lisboa, e que é riquíssimo!

Eu senti uma mão de ferro apertar-me o coração... Como êste mundo é cheio de ingratidão, meu Deus! A Luli, minha amiga de infância, minha companheira de estudos, fôra pedida em casamento (e por quem, Deus meu!) e nada me dissera. (Nem um momento, só, puz em dúvida, é claro, que êsse noivo longínquo era o António). Mas, apesar da impressão dolorosa que a notícia me dera, observei com fingida indiferença:

— Não me parece que a Luli seja pessoa para viver em Africa.

— Em Africa?! Mas ninguém disse que ela ia para a Africa! — exclamou a Luizinha. E o Gonçalo, admirado, voltou-se para mim:

— Que idéia é essa, Mirri?

Que tôlo! Era bem fácil de compreender.

— Dizem — continuou a Luizinha, contente com o sucesso da sua notícia — que o noivo está longíssimo, nas Ilhas Canárias (a Rosinda até disse «canalhas»!)

— A menina está de certo a fantasiar, ! — observou o Manuel.

Mas a Luizinha continuou:

— Nada disso! Trata-se de um espanhol, diplomata, que a Luli conhece do Estoril.

— Viva la grácia! Olé, olé! — gritou o Xana.

Pareceu-me que, de repente, me tiravam de cima das costas um rochedo!! E, nessa mesma tarde, esquecendo a minha zanga por ela ter feito segrêdo do seu noivado, fui levar à Luli um ramo de cravos brancos.

— Se soubesses como estou feliz, Mirri! — disse-me ela, beijando-me — O Joselito gosta de mim há um ano! e eu sempre a hesitar... Mas quando êle me disse que ia para as Canárias por muito tempo, então descobri... que também gostava dêle a valer! Senti um apêrto estupendo formidável, no coração! E agora sei que, é isto o amor, Mirri! O verdadeiro! O grande! O único! — e a Luli, comovida, abraçou-me com fôrça.

....

Todos os vapores que vêm de Africa trazem notícias do António: mas nunca para mim, nem para os manos. Que homem sêco e frio...

— Nem ao menos um postal... — comenta o Nuno, melindrado.

— A' Mãe sei eu que êle escreveu: e a carta era bem gorda — disse a Luizinha, igualmente ofendida.

Nêsse momento, porém, entrou na sala a Mademoiselle Sixte, com uma carta na mão e um sorriso malicioso na carinha encarquilhada.

— Rita! — anunciou ela, estendendo-me a carta.

De quem seria aquela carta? O meu coração começou a bater...

A Luizinha e o Nuno, cheios de curiosidade, chegaram-se a mim e preparavam-se para ler, comigo, a misteriosa carta.

Mas eu levantei-me e disse-lhes:

— Vou ler para o meu quarto — deixando os dois de orelha murcha e ambos muito ofendidos.

Então, no socêgo do meu quartinho, ouvindo o assobiar alegre e trocista dos melros no jardim, com o coração palpitante li a impressionante carta que me dirigia, por intermédio da Mãe... o António.

Não posso descrevê-la, não posso explicá-la; só posso copiá-la tal qual, sem lhe alterar uma palavra, uma vírgula, uma expressão...

E tudo li com lágrimas de enternecimento, ao ritmo apressado do meu coração!

«O terno abraço em que me senti envolvida dizia mais de que tôdas as palavras...»

Minha Maria Rita. (quando li MINHA senti-me estremecer)...

Deixei passar êstes mêses num silêncio que, decerto, lhe pareceu estranho. Mas é que, na quási-certeza (perdôe a minha presunção...) de lhe não ser indiferente, de ter conseguido tocar êsse coração adorável e adorado, *(será possível que estas palavras sejam para mim?)* eu quis, de acôrdo com os seus queridos paes *(eu bem desconfiei...)* deixá-la mais tempo na ignorância dos meus sentimentos e... dos meus projectos de futuro. Diga-me, agora, bem sinceramente, Maria Rita, quer partilhar a minha vida de trabalho? Tem coragem de vir viver em Africa, longe dos seus e da vida mundana à qual está habituada? Quer ser a minha mulher muito querida? Da sua resposta depende tôda a felicidade da minha vida, Maria Rita! Pois desde o dia em que a conheci, desde que sei o que é a sua alma delicada, o seu carácter leal *(oh meu Deus, isto é demais!)* o seu coração amoroso, já não posso conceber outra felicidade que não seja... a de casar consigo.

E peço-lhe que responda, já, ao seu apaixonado

ANTÓNIO

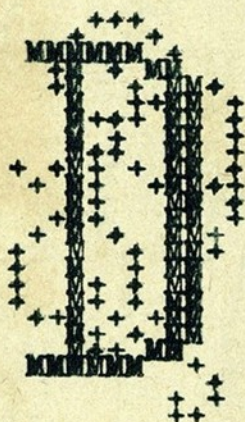
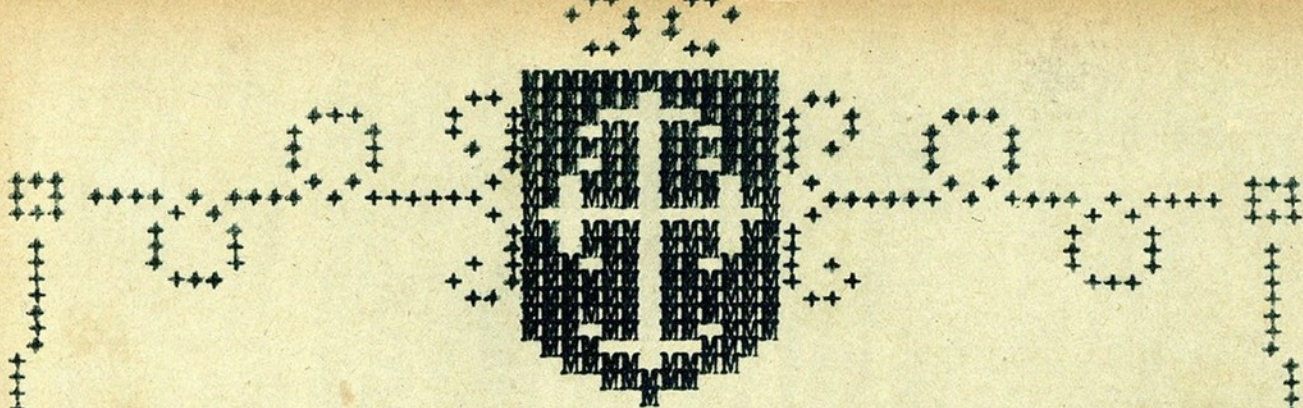
Doida de felicidade, comecei por beijar a terna carta que, de tão longe, me trazia palavras de amor que eu nunca ouvira...

Depois, abri a porta do quarto precipitadamente... tropeçando na Luizinha e no Nuno, que ali esperavam as notícias... pressentidas por êles, os marotos! Mas eu nada lhes disse, coitados! e corri para o escritório do Pae, onde sabia encontrar também a Mãe.

— Oh Mãe! Oh Pae! — Nada mais pude dizer, tão comovida estava; e o terno abraço em que me senti envolvida pelos Paes dizia tudo o que palavras não poderiam dizer...

Que alegre jantar foi o de aquêle dia! Os manos, a Luizinha, a Mademoiselle, e, à sobremesa, a própria Matilde, todos pareciam considerar-me como uma jóia preciosa e rara!

Mas tôda a medalha tem um «reverso»: e eu tinha de esperar, ainda, longos meses antes de ver o meu adorado António chegar a Lisboa!

(Continua)

E olhos abertos, de cabeça erguida,
Lá vai a mocidade, lá vai ela ...
Recorda milenária caravela,
Singrando o novo mar da nova Vida.

Lá vai a mocidade - gente moça
Levando no olhar um novo ideal !
Lá vai a mocidade, é Portugal
Que no seu peito vibra e se remoça !

Lá vai a mocidade a rir, a rir,
Olhos pregados longe, no Porvir,
Cabeça erguida ao alto, para os céus !

Passa por nós como a dizer : EXISTO !
Sob a bandeira ideal da cruz de Cristo,
Levando, no seu peito, a Pátria e Deus !

Os Ornatos à máquina são da mesma filiada

Maria Olívia da Silva Lopes
Douro Litoral — Centro 24 — Ala 1